

O paradoxo da morte na sociedade capitalista

Denise Stefanoni Combinato
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - UNESP/Botucatu
Brasil
denisecombinato@hotmail.com

Numa sociedade de consumo e de acumulação de capital, a morte se faz presente não apenas como etapa final do ciclo de desenvolvimento da vida, mas no modo de produção, nas relações humanas e nas relações com a natureza. Em relação ao modo de produção, os homens são produtores e, principalmente, consumidores de necessidades criadas (e que nunca são satisfeitas) pela sociedade industrial. Os objetos são produzidos para morrerem e serem substituídos. Mesmo aqueles que conseguem sobreviver com suas funções intactas são considerados velhos e, portanto, inúteis. Isso porque, numa sociedade de consumo, não importa o seu valor de uso, mas a imposição cultural da moda e do novo. As relações humanas são regidas pelo poder que determinado grupo tem em função do capital acumulado. Como os princípios da acumulação de bens são incompatíveis com a idéia ou aceitação da morte (já que na presença dela, nada disso teria sentido), esta deve ser banida. E para a manutenção do modo de produção, apropria-se do trabalho, do consumo e da vida das outras pessoas que, amedrontadas pela morte, submetem-se ao poder e aceitam a vida 'morta' que lhes é imposta. Obcecados pela acumulação e controle dos bens, a burguesia exige dos médicos o prolongamento da vida e o segredo sobre a morte. Entretanto, a busca da imortalidade humana e do enriquecimento ilimitado tem colocado em risco os recursos da natureza e a vida da humanidade.